



## **A força do estereótipo e a ação da mídia na formação das identidades na região de fronteira do Paraguai com o Brasil<sup>1</sup>**

Luciana Pelaes ROSSETTO<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **Resumo**

Os brasileiros que vivem no Paraguai, próximo à fronteira com o Brasil, mantêm sua cultura e reforçam uma série de estereótipos para justificar a dominação econômica sobre os camponeses locais. Este artigo busca analisar como ocorre a formação da identidade destes dois grupos e qual a influência da mídia nesse processo, a partir de questionamentos propostos pelos autores José Lindomar Albuquerque, Luís Mauro Sá Martino, Walter Lippmann, Lawrence Bobo, entre outros. Este trabalho é parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

**Palavras-chaves:** brasiguaios, estereótipos; identidade; Paraguai; mídia

### **Introdução**

O assassinato de Solano López pelo exército brasileiro em Cerro Corá, em 1º de março de 1870, colocou um fim no confronto entre o Paraguai e a Tríplice Aliança – formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai. Mas um ano antes do término oficial da guerra, em agosto de 1869, enquanto Lopez fugia com o que restou das tropas pelo interior do país, foi instalado um “governo provisório” em Assunção, que já havia sido ocupada pelo exército da Tríplice Aliança. Começava, então, a influência brasileira no Paraguai que perdura até os dias de hoje.

Conforme Doratioto (2002:420), o governo imperial insistia na criação de um governo provisório porque acreditava que a Argentina pretendia anexar o território paraguaio após a guerra. “A instalação do governo provisório paraguaio, mesmo com Solano López continuando a combater, era uma forma de reafirmar a continuidade da existência do Paraguai como Estado independente.” (DORATIOTO, 2002: 420)

O governo provisório foi formado por três paraguaios, Carlos Loizaga, José Díaz Bedoya e Cirilo Antonio Rivarola. Em seu primeiro decreto, proibiu a população de apoiar López e declarou o dever de todo “bom cidadão” de contribuir para a vitória dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, e-mail: lurossetto@gmail.com



aliados. Durante todo o período no poder, sempre sofreu influência da autoridade dos exércitos da Tríplice Aliança.

Atualmente, segundo levantamento realizado em 2011 pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil, 200 mil brasileiros vivem no Paraguai, os chamados “brasiguaios”. Porém, não há estimativas exatas sobre essa população e alguns autores, como Souchaud (2002), chegam a apontar que existem até 500 mil brasileiros no país vizinho. Reportagens em veículos brasileiros e paraguaios citam as mais variadas fontes e estimam entre 300 mil e 350 mil o número de brasileiros vivendo no Paraguai.

Os brasileiros imigraram para o Paraguai principalmente a partir da década de 1970, à procura de terras baratas, produtivas e incentivados por planos econômicos do governo do ditador Alfredo Stroessner. Hoje, são os principais responsáveis pela produção recorde de grãos do país, inclusive de soja. De acordo com dados da Câmara Paraguaya de Exportadores y Comercializadores de Cereales y Oleaginosas (Capeco), o Paraguai é o quarto maior exportador de soja do mundo, exportando 6,7 milhões de toneladas, atrás apenas de Estados Unidos, Brasil e Argentina. Antes da chegada dos brasileiros, a produção paraguaia era insignificante, perto dos números atuais.

Entretanto, a atual situação social do Paraguai é preocupante e conflituosa. Na região de fronteira com o Paraná, nos departamentos de Canindeyú, Alto Paraná e Itapua, estão as melhores terras para agricultura. Ali, a quase totalidade dos grandes produtores de soja é composta de brasileiros. É comum ocorrerem invasões por associações de camponeses sem-terra e conflitos diretos entre brasileiros e paraguaios pela posse das propriedades.

A ocupação do território por grandes fazendeiros brasileiros provoca a expulsão das comunidades camponesas para as cidades, onde vão habitar periferias e enfrentar o desemprego por conta da falta de qualificação. Os moradores são expulsos do meio rural de diferentes formas: por não receberem estrutura do governo em termos de saúde, moradia, educação, e por não conseguirem obter crédito agrícola suficiente para a produção. Quem produz, não recebe apoio para vender seus produtos na cidade. Além disso, convivem com a fumigação das lavouras dos vizinhos latifundiários e sentem o impacto, porque o veneno provoca a morte das plantas e animais, além de contaminar a água potável. Vivendo com dificuldade, os trabalhadores rurais rapidamente vendem as terras quando recebem alguma proposta.

## **Construção de identidade**



Nos municípios localizados na fronteira com o Brasil, em Alto Paraná, só se ouve o português, idioma que também é utilizado em cartazes no comércio local. Espanhol é usado somente nos documentos oficiais. Os brasileiros e mesmo seus descendentes já nascidos no Paraguai procuram manter seus costumes, têm acesso à música e televisão brasileiras. Os gaúchos tomam chimarrão (em oposição ao tereré típico do Paraguai), e se alimentam com arroz, feijão e churrasco, e constantemente se reúnem.

O fato de uma comunidade brasileira viver no Paraguai talvez não a faça menos brasileira por conta desse deslocamento cultural, mas não a torna paraguaia pelas mesmas razões. Eles são brasileiros, ou descendentes, incrustados em um território que não é deles, mas que é culturalmente apropriado e retrabalhado.

Segundo Martino (2010:15), a nossa cultura está relacionada com a percepção que teremos de uma imagem, de uma pessoa e de um objeto. E através desse conjunto de conhecimentos que nos ajuda a identificar uma pessoa ou um objeto, nós construímos uma identidade própria, enquanto decodificamos as mensagens que outras pessoas nos enviam em termos de identidade.

A ideia principal é a de que a identidade de alguém, de um grupo ou mesmo de um povo passa por relações de comunicação estabelecidas interna e externamente, a partir das quais são criados e disseminados as narrativas e discursos que permitem às pessoas se reconhecerem como parte de alguma coisa, como “iguais” a determinado grupo e “diferente” de outros. (MARTINO, 2010: 29)

Ressaltar as diferenças, a começar por manter o idioma português no lugar do espanhol e do guarani, línguas oficiais paraguaias, pode ser uma maneira encontrada pelos brasileiros imigrantes e suas famílias, os chamados brasiguaios, de reforçar a própria identidade.

O fato de possuir e explorar terras, cultivar soja e deter os meios econômicos que possibilitam comprar insumos e maquinários para manter a produção, além de se organizarem em associações agrícolas, cria uma identidade comum e absolutamente diferente da realidade vivida pelos camponeses. Possuem ainda educação e, muitas vezes, mandam os filhos para completar os estudos em escolas particulares no Brasil. Já os paraguaios no campo trabalham para um patrão brasileiro, ganham salário e exploram os pequenos lotes em que vivem com produtos para a subsistência, como mandioca, mate e pequenas criações de galinhas ou porcos. Não têm acesso à educação



por uma falta de estrutura do governo e também pelo tempo empregado no trabalho diário.

Muitos brasileiros optam por contratar apenas brasileiros, pois estes seriam melhores empregados, e eventualmente contratam apenas 20% de trabalhadores paraguaios para cumprir uma lei trabalhista local.

Em termos de aparência física, os campesinos paraguaios são descendentes de índios, possuem cabelos e olhos negros e tom de pele morena, comparados com os brasileiros brancos, muitos gaúchos e paranaenses, de peles e olhos claros.

Em notícias veiculadas no Brasil sobre confrontos entre os dois grupos e ocupações (ou invasões dependendo do jornal) de fazendas brasileiras por campesinos, estes costumam ser retratados como arruaceiros que querem a posse de terras cultivadas pelo árduo trabalho dos brasileiros que compraram os lotes no país vizinho. Já no Paraguai, é comum os brasiguaios serem tratados como usurpadores, que ocuparam as terras de forma irregular, tanto pela negociação ter sido feita durante a ditadura de Strossner quanto pela proximidade com o Brasil – pois há leis que estabelecem um limite para a posse de terras por estrangeiros nas fronteiras entre países.

Segundo Albuquerque (2010:163), pesquisador que estuda a região da fronteira, os imigrantes brasileiros se classificam como “pioneiros” e “trabalhadores”, os únicos capazes de levar o progresso e modernizar o país, enquanto consideram os paraguaios como “ociosos” e “que não sabem trabalhar”. E quando os paraguaios conseguem terra do governo, para os brasileiros eles têm como maior ambição revender os lotes e voltar a invadir fazendas para conseguir mais terras de graça, sendo “desonestos”.

É provável que a força desse discurso sirva para legitimar a presença brasileira naquele país e rebater os discursos críticos que acusam esses brasileiros de “invasores” da nação e “destruidores” do meio ambiente. (ALBUQUERQUE, 2010:163)

Porém, ainda conforme aponta Albuquerque, há setores da sociedade paraguaia que apoiam a imigração brasileira e realmente os enxergam como modelo de dedicação ao trabalho, progresso e perseverança:

As classes dominantes no Paraguai geralmente apoiam os imigrantes e reproduzem seus discursos legitimadores. Mas há pessoas dos próprios setores subalternos que também admiram a capacidade de trabalho dos imigrantes e se autodenominam de “haraganes” (preguiçosos). (ALBUQUERQUE, 2010:186)



Nada mais natural do que o próprio dominador tentar justificar a dominação imposta aos outros através de uma explicação que considera racional. No Paraguai, os brasileiros que ocupam o poder enumeram as razões para justificá-lo, apontando o pioneirismo, o fato de ser trabalhador e honesto como forma de legitimação. Por exemplo, eles trabalham e enriquecem, enquanto os paraguaios são vagabundos. Conforme alerta Martino (2010:47), é previsível que o dominador aceite essas explicações como as únicas corretas, mas o principal problema ocorre quando o dominado passa a acreditar nas justificativas e aceitar sua condição.

No caso dos camponeses, eles ocupam o lugar de subalternos e, quando se revoltam e questionam o poder brasileiro, são eliminados e tornados clandestinos. Não se trata aqui de apoiar invasões ou movimentos armados contra os brasileiros, mas qualquer forma de questionamento sobre a validade da documentação das terras ou da marginalização econômica imposta a eles é vista como uma ameaça a quem está no poder.

A mente de ambos, dominante e dominado, passa a ter a mesma frequência, trabalhar na mesma rotação, e o mundo lhes parece normal. Os dois estruturam a realidade a partir das mesmas noções, e a justificativa de ação do dominante é tacitamente aceita como correta pelo dominado. Nenhum dos dois tem consciência desse processo, que lhes parece absolutamente natural e inevitável. (MARTINO, 2010: 47)

Ainda de acordo com Albuquerque (2010:163), os grupos de imigrantes europeus que vieram para a América nos séculos XIX e XX tinham a missão de civilizar as nações repletas de índios, negros e mestiços, tidos como inferiores e preguiçosos. A elite intelectual brasileira relacionava raça e capacidade de trabalho. Portanto os imigrantes europeus brancos seriam mais eficientes que os mestiços brasileiros (Albuquerque, 2010: 166).

O autor (2010: 169) ainda afirma que existe, até hoje, uma ideologia nos estados do Sul e Sudeste que explica o desenvolvimento dessas regiões pelo trabalho do imigrante europeu, o que provoca o surgimento de estereótipos em relação aos habitantes de locais menos desenvolvidos economicamente.

Esse mesmo discurso é adotado pelos imigrantes brasileiros no Paraguai, reproduzindo os estereótipos já existentes no Brasil, transferindo aos camponeses um preconceito que existe em relação aos índios brasileiros, além dos nordestinos.



A figuração “trabalhadores” e “preguiçosos” é permeada por relações de poder entre os grupos sociais e que pode ser visualizada em diferentes contextos sociais, históricos e geográficos: nas relações entre brancos e índios, colonizadores e colonizados, países desenvolvidos e subdesenvolvidos e nos mais diferentes cenários migratórios. Em todas essas figurações sociais, existem grupos dominantes que se consideram “trabalhadores” e nomeiam os outros inferiorizados como “preguiçosos”. (ALBUQUERQUE, 2010:176)

### **Papel da mídia**

A mídia exerce um papel importante na construção dessas identidades, pois mesmo nos cantos mais remotos, todos temos um certo grau de articulação com os meios de comunicação. Segundo Martino (2010:60), a disseminação de uma informação pelos meios de comunicação faz com que ela seja fixada, por ser o único canal de acesso de parte da população. Isso acontece porque não temos disposição, tempo e interesse para pesquisar outras versões divulgadas em meios distintos.

Por exemplo, nem todos os brasileiros já tiveram oportunidade de viajar e conviver para saber como é a vida de um campesino paraguaio ou mesmo de um paraguaio morador de Assunção. Porém, todos imaginamos como é a vida local por já termos sofrido a influência de documentários, novelas, notícias ou mesmo de relatos criados a partir da percepção de outras pessoas, que podem ou não ter tido experiências positivas no país vizinho.

Na maior parte das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos. Na grande confusão florida e zunzunte do mundo exterior colhemos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura.” (LIPPMANN, 1972:151)

Da mesma maneira como podemos ser influenciados, Lippmann (1972:153) alerta também que devemos analisar as informações que recebemos levando em conta as mentes que as filtraram. Os estereótipos, as versões padronizadas e mais comuns são obstáculos no trajeto da informação para a consciência.

“As mais sutis e penetrantes de todas as influências são as que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Dizem-nos tudo sobre o mundo antes que o vejamos. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las. E a menos que a educação nos tenha tornado agudamente conscientes, essas concepções governam profundamente todo o processo da percepção.” (LIPPMANN, 1972:156)



Na mídia, não faltam exemplos da disseminação de estereótipos, e o tema é objeto de estudo de vários pesquisadores. Como apontou Roberta Brandalise, em artigo apresentado em 2012 no XVI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (XVI CELACOM), a televisão brasileira associa o Paraguai, os paraguaios ou a região de fronteira ao contrabando, ao roubo, à fraude, à fuga de suspeitos e ao tráfico.

Na pesquisa, Brandalise trabalhou com uma amostra formada por 18 fronteirixos que consomem a televisão brasileira. Foram ouvidos nove brasileiros residentes em Foz do Iguaçu e nove paraguaios residentes em Ciudad del Este. Conforme a autora, os paraguaios ficam ressentidos por serem tratados como desonestos por meio de generalizações. Os estereótipos negativos e o preconceito afetam a autoestima do povo paraguaio, que tem noção da imagem simplista que os brasileiros possuem dele.

A percepção dos paraguaios em relação à imagem estereotipada que os brasileiros possuem sobre eles e que é refletida na mídia em geral pode influenciar o comportamento dos membros de cada grupo.

Sigelman e Tuch (1997) realizaram um estudo nos Estados Unidos em relação aos estereótipos que a população negra acreditava que os brancos possuíam em relação a eles, chamados pelos autores de “metaestereótipos”. É fato que o problema do preconceito racial nos Estados Unidos é completamente diferente da questão paraguaia, pois lá não se trata de uma disputa econômica por terras ou de uma rivalidade entre nacionalidades, mas um conflito entre negros e brancos, mesmo que os dois grupos tenham origem naquele país.

No caso americano, os autores (1997:89) observaram que o estereótipo negativo dos brancos em relação aos negros pode realmente acarretar práticas discriminatórias reais e minar a possibilidade de negros em se colocarem em áreas de moradia ou convívio com pessoas brancas. A vontade de pessoas negras em se moverem para essas áreas, para morar ou conviver, parece ser mais influenciada pelas concepções que o grupo negro possui em relação aos estereótipos dos brancos do que pelos estereótipos dos brancos em si.

Mesmo que não seja intencional, as imagens depreciativas acabam tendo grandes consequências não apenas por promover um clima hostil entre os grupos, mas também por invalidar medidas que poderiam ser aplicadas para diminuir a desigualdade entre eles. Se são vistos como preguiçosos e desonestos, os paraguaios nunca terão apoio dos brasileiros em posição dominante para conseguir acesso à escola, à moradia decente e a





oportunidades iguais de subsistência, sem contar o preconceito em relação à cultura da pausa para o tereré e da “siesta”, costumes vistos pela cultura brasileira como desculpas para burlar o trabalho.

O tereré é a bebida símbolo do Paraguai, feita de erva-mate e água gelada, consumida por quase a totalidade da população em intervalos ocasionais no decorrer do dia. A pausa para consumir a bebida pode variar de poucos minutos a quase meia hora, dependendo da disposição daqueles que a consomem. Não raro, o consumo da bebida também é feito durante o exercício de outras atividades, pois nem sempre é possível parar. Os motoristas de ônibus em Assunção, por exemplo, costumam beber tereré enquanto dirigem. Já a “siesta” é um costume de origem espanhola, que consiste em tirar um “cochilo” após o almoço. O comércio geralmente fecha nesse período, que vai das 12h às 15h.

Lawrence Bobo (1997:5) cita as considerações de Roel W. Meertens e Thomas F. Pettigrew sobre o “racismo ruidoso” (blatant) e o sutil (subtle). O ruidoso seria explícito e emocional, enquanto o sutil conteria mais elementos que apelariam à razão, a alguma justificativa, e seria essencialmente contra minorias.

Dessa forma, o Brasil aplica o racismo sutil aos camponeses paraguaios, porque os brasileiros entendem que, por produzirem mais e melhor em terras paraguaias, os paraguaios não merecem credibilidade ou qualquer outra forma de consideração por suas reivindicações. O preconceito está presente ao não contratar paraguaios por considerá-los preguiçosos, desonestos e indisciplinados. Não existe ódio racial na relação, apenas os consideram inferiores e incapazes.

Segundo Bobo (1997: 7-8), a mídia interfere nas atitudes e crenças que um grupo terá em relação a outro quando exhibe imagens de minorias raciais, justamente por conectar a opinião pública e as elites políticas. As mídias se tornam o principal meio de adquirir informações do outro grupo e, por causa da falta de interação entre essas pessoas, as ideias sobre os outros grupos são formadas a partir do que se é visto pela televisão ou pelos jornais.

No Brasil, as notícias veiculadas sobre as invasões de fazendas de brasileiros podem servir para unir opiniões individuais pulverizadas em uma opinião pública coletivamente focada no que se pensa sobre os camponeses, provocando ações políticas e obtendo resultados em função desse clamor popular. Sempre que há notícias relacionadas ao assunto, comissões de agricultores brasileiros normalmente pedem





ajuda ao governo federal para interferir e exigir uma atitude do governo paraguaio, como se o Brasil pudesse influenciar as leis e a organização social do país vizinho.

A partir do momento que um brasileiro vive fora do país, ele está sujeito às obrigações e aos direitos locais. Porém, os próprios fazendeiros nem sempre reconhecem essa soberania e exigem uma pressão política brasileira. É notório que o ex-presidente Fernando Lugo, que subiu ao poder com o apoio da população mais pobre levantando a bandeira da reforma agrária, não era bem quisto pelos brasileiros, que comemoraram seu impeachment em junho de 2012. As festas realizadas pelos brasileiros na região de fronteira foram noticiadas nos principais veículos de comunicação do Brasil, como o jornal Folha de São Paulo, os portais de notícia Uol, G1 e Zero Hora.

O atual presidente, Federico Franco, assumiu o governo paraguaio poucas horas depois da destituição de Lugo. Franco não tem como metas de governo combater a elite econômica ou redistribuir de terras, sendo portanto querido entre os latifundiários brasileiros e paraguaios.

Quando a mídia no Brasil estabelece um discurso de apoio aos brasiguaios, ele reflete um modelo teórico de poder nem sempre explícito sobre essa relação. Conforme Martino (2010:131), o lugar onde o discurso é produzido, no caso o Brasil, distorce a própria relação entre a linguagem e o assunto narrado.

O discurso é um tipo de enunciado ligado aos espaços sociais e às tramas de poder onde acontece sua produção, e sua validade está ligada não apenas àquilo que efetivamente propõe em relação à realidade, mas também às tramas, discursos e poderes aos quais o discurso está relacionado. (MARTINO, 2010:131)

O texto é um retrato momentâneo e limitado de relações sociais mais profundas, e o sentido do discurso está conectado ao espaço-tempo de uma determinada conjuntura política, econômica e social.

### **Considerações finais**

Os brasileiros latifundiários exploram economicamente o Paraguai e a mão de obra local, perpetuando e reforçando uma dominação que teve início após a Guerra do Paraguai (1864-1870). Para os brasileiros, o confronto é quase desconhecido ou



superficialmente abordado em livros da escola elementar. No entanto, para o povo paraguaio, a guerra aconteceu ontem.

A ascensão econômica vivida pelos brasileiros que obtiveram as terras nos últimos 40 anos e as transformaram em grandes celeiros de produção reforça ainda mais o sentimento de perda do povo paraguaio. A comunidade brasileira continua valorizando sua cultura, seu idioma, expandindo-se quase como se fosse o próprio Brasil adentrando o território paraguaio, forçando o êxodo rural das comunidades locais para a periferia das cidades, modificando sua forma de subsistência, antes baseada na produção agrícola, para serviços urbanos que não exigem trabalhadores qualificados.

As comunidades camponesas são obrigadas a assistir ao enriquecimento dos brasileiros, enquanto elas próprias estão cada dia mais empobrecidas e marginalizadas.

A soberania brasileira no Paraguai fundamenta-se no total domínio da produção agrícola em larga escala. Enquanto os habitantes originais ainda sobreviviam dos meios de subsistência, os brasileiros impuseram seu conhecimento para produção em detrimento do acesso do camponês para produzir em termos de igualdade. Esse fenômeno é avaliado pelos brasileiros, para justificar sua dominação, como a inépcia do paraguaio para a produção em massa. Com isso, o paraguaio é visto e se faz ver, para si mesmos, como incompetentes e inaptos.

É natural possuir uma série de concepções com tudo que é diferente de nossa cultura. Afinal, quando não conhecemos profundamente um assunto, usamos informações adquiridas de diversas fontes, inclusive a nossa imaginação, para montar um quadro geral e formar uma opinião a respeito do que é exposto.

No caso do Paraguai, seria necessário observar com mais cuidado os estereótipos transmitidos através da mídia brasileira, que às vezes reproduz incorretamente um discurso já preconceituoso de brasileiros que lá vivem em situação de dominação econômica. Isso evitaria a aceitação ingênua de posições que servem apenas para reforçar o status de quem está no poder e, quem sabe, provocaria questionamentos sobre a realidade dos discursos da mídia.



## Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Lindomar. **A Dinâmica das Fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

BOBO, Lawrence. Race, Public Opinion, and the Social Sphere. In: **The Public Opinion Quarterly**, Vol. 61, N.1, Special Issue on Race (Spring, 1997), pp.1-15

BRANDALISE, Roberta. Paraguaio, Brasileiros e Ficção Televisiva. Como as Narrativas Brasileiras Mediam as Relações Sociais e Culturais em uma Região de Fronteira. In: **Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**. 2012. São Paulo. Disponível em: <[http://www2.faac.unesp.br/celacom/anais/Trabalhos%20Completos/GT1-%20Pensar%20e%20Comunicar%20a%20Am%C3%A9rica%20Latina/33.Roberta%20Brandalise\\_Paraguaio,%20Brasileiros%20e%20Ficcao%20Telev.pdf](http://www2.faac.unesp.br/celacom/anais/Trabalhos%20Completos/GT1-%20Pensar%20e%20Comunicar%20a%20Am%C3%A9rica%20Latina/33.Roberta%20Brandalise_Paraguaio,%20Brasileiros%20e%20Ficcao%20Telev.pdf)>. Acesso em: 5 jan. 2013.

CÂMARA PARAGUAYA DE EXPORTADORES Y COMERCIALIZADORES DE CEREALES Y OLEAGINOSAS. **Estadísticas: Principales Exportadores Mundiales de Soja**. Disponível em < <http://www.tera.com.py/capeco/index.php?id=ranking-mundial>>. Acesso em 6 de jan. 2013, d

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles (org.) **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cutrix, 1972. P 149-159

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & identidade: quem você pensa que é?** 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2010

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Brasileiros no mundo. Estimativas. Brasília: MRE, 2011. Disponível em: < <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Brasileiros%20no%20Mundo%202011%20-%20Estimativas%20-%20Terceira%20Edicao%20-%20v2.pdf>> Acesso em 5 jan. 2013.

SIGELMAN, Lee; TUCH, Steven. Metastereotypes; Blacks' Perceptions of Whites' Stereotypes of Blacks. In: **The Public Opinion Quarterly**, Vol. 61, N°1, Special Issue on Race (Spring, 1997), pp. 87-101.

SOUCHAUD, Sylvian. **Pionniers brésiliens au Paraguay**. Paris:éditions Karthala, 2002.